

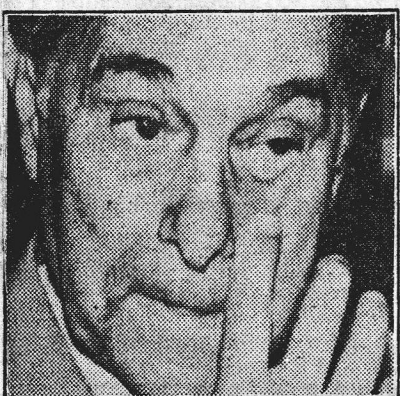
# “Meu caminho é de pedra...”

“Já não sofro: hoje faço  
Do meu canto meu viver.  
Solto a voz nas estradas,  
Já não posso parar,  
Meu caminho é de pedra,  
Como posso sonhar...”



De San Tiago Dantas, nos anos 60, a Figueiredo, nos anos 80: a habilidade de articulação de um político que sabia onde pretendia chegar

“Travessia”, de Milton Nascimento, era a canção preferida do mineiro Tancredo de Almeida Neves. Mais que uma simples predileção musical, no entanto, o nome da música revela um termo que serve como referência para definir sua vida política, quando ele simbolizou a transição para a Nova República. Coincidentemente, aliás, a imagem bíblica da travessia do deserto empreendida por Moisés foi recordada por d. Serafim Fernandes, diante da padroeira de Minas, Nossa Senhora da Piedade, ao abençoar a penosa caminhada que iniciava o presidente do Brasil. O arcebispo coadjutor de Belo Horizonte ainda procurou uma “palavra bem mineira” para dizer-lhe naquela hora, mas era desnecessário: a própria comparação com a travessia bíblica foi tão mineira quanto acertada. Afinal, a transição do País para um regime de justiça e seriedade democrática ficou politicamente definida em dezembro de 1983, quando o grupo “Travessia” do PMDB dividiu os cargos na direção do partido com o grupo “Unidade”, através de negociação articulada nos corredores do Congresso pelo então governador de Minas.



Confiante em sua sensibilidade, o presidente eleito Tancredo Neves não se cansou de repetir que política se faz menos amparado em convicções do que na própria intuição. “Ele não cometeu um só erro na campanha” — confirmou há dois meses seu amigo José Aparecido de Oliveira, agora ministro da Cultura. A esmagadora vitória por diferença de 300 votos sobre seu adversário atestou que “eficiência” era a palavra-chave, presente até mesmo quando abandonou sua proverbial prudência para recomendar aos repórteres que não se preocupassem mais com o já derrotado candidato do PDS: “Esqueçam o Maluf”. O presidente eleito não queria mais perder tempo comentando as provocações emanadas do desespero malufista. “Sei que é preciso convencer o povo brasileiro de que o governo não vai fazer milagres. Quero transformar essa esperança num grande mandato de confiança nacional” — assinalava Tancredo na mesma entrevista, de 1º de janeiro deste ano.

Mesmo durante a campanha, era claro ao reconhecer que a crise econômica não seria fácil de enfrentar, nem seria simples garantir a conciliação nacional a que se propôs para firmar o pacto social necessário. Não foi o otimista ilusório que promete números como meta e resultado: antes da candidatura posta, mais ouviu do que falou; candidato, limitou-se a admitir que o caminho é de pedra. Por sua coerência, a trajetória da campanha de Tancredo Neves foi um roteiro para a travessia em direção à Nova República.



**O BRASIL SEM TANCREDO**